



MORFINA

Cap. 1. – Sol Vermelho.

Duas da tarde de um dia vermelho dentro da cidade castigada eu fico entre as calçadas. Eu me escondo nos becos onde cães disputam seus alimentos com os animais mais selvagens que já pisaram um dia na terra.

Eu ando pelas ruas sujas de pornografia e perversão e sinto que estamos morrendo mais rápidos do que os anjos podem nos amaldiçoar. Perdido. Perdido. Estamos morrendo dentro de uma civilização que nos serve carne podre e dejetos fecais para alimentar nosso orgulho.

O trem está partindo e eu preciso pega-lo e ir para o lugar maravilhoso e brilhante que existe no caminho que como as portas do paraíso possui uma tabuleta assinalando NADA! Nada FANTÁSTICO. Fico observando ás constelações estelares e mortas e mortas e doentes como os cadáveres daqueles que sonham, constantemente com algo bom. Eu me encontro Perdido.

Perdido fico admirado VICIADO pelo cinturão de Órion enquanto um cara magro e amarelo se injeta e balbucia coisas esquisitas sobre a tristeza e sobre ele mesmo o que não me importa.

Ele fala sobre belezas imaginárias para nossa civilização simplesmente pervertida “Onde estão as pessoas boas da terra? Onde estão?”. É tão fácil se deixar cegar pelas luzes da cidade.

Ele é um maluco admirador de lendas gregas e de sacos e sacos de açúcar. Açúcar direto na veia de Deus ele me diz.

- Para quem oferecemos o último trago nas noitadas?

-...

- Para o Deus trapaceiro! Deus trapaceiro!

Carlos. Esse é o seu nome e nada mais. Um viciado de cinquenta anos que fez de tudo. Foi tudo. Às vezes o chamamos de Don, pois é assim que ele sorri. Don Carlos.

Sinto tanto sono que acho que se eu fosse um morto eu sorriria, às vezes.

Será que quando chove, quando chove muito mesmo e a terra fica transbordando de lágrimas e Deus respira pesadamente os mortos sentem? Eu não acredito.

Estou cheio de açúcar e álcool e vou para a casa da minha doce rainha dos comprimidos de olhar brilhante. Marina. Como o mar.

Seus olhos são como o mar em dias de chuvas. Castanhos, sombrios belos e doidos. Principalmente doidos. E tristes.

Como podemos ser tão tristes como se nossas almas estivessem se rasgando como sacos plásticos levados ao vento?

-Olá olhos tristes.

É assim que ela me chama. Olhos tristes. Poeta de algo triste. Santo. Branco. Puro e doce. Principalmente doce. Tão doce que me faz sentir dor e enjoou e um sentimento de infância.

Eu acho que a amo bem mais do que minhas forças e ela sabe disso. Ela sabe que quando sai com seus amigos, seus amiguinhos, eu espero em seu quarto.

Seu quarto de cor verde totalmente ridículo onde sobre a cama eu vejo Jesus Crucificado. Jesus sangrando e morto. Leio uma velha bíblia, pego e abro sem pensar e acho Isaías; CAP. XXXIV e XXXV.

É o reino de Deus que eu espero com gula. É o reino celestial de Deus que todos nós, seres tristemente santificados, esperamos.

O dia em que o armagedon chegar...

Marina chega horas depois e já estou dormindo quando sinto seu corpo próximo do meu e fico pensando se não seríamos mais felizes dentro de um crepúsculo eterno.

Eu não sei nada sobre o amor de Deus, sobre a felicidade devota e sobre os caminhos do éden.

Na cidade castigada, lá embaixo alguém sabe. Às ruas e suas sarjetas com seus políticos fedorentos e suas vadias sorriem plasticamente.

Eu sei que lá embaixo, entre a sujeira amaldiçoada da civilização alguém sabe. Sim. Eu sei disso.

Ela é minha doce Messalina Sua boca parece uma flor marcada pelo sabor misterioso do vinho embriagador e ela me beija. Beija meus lábios e meu corpo. Mais uma tentativa para pedir perdão e ser alcançado pela recompensa eterna.

-Vamos morrer um dia. Você sabe Marina.
Morreremos secos e sujos. Secos e sujos.

-Não vamos morrer nunca Lucas. Nunca.

E eu adormeço e sonho que estou morto e sujo e penso; NUNCA! NUNCA! NUNCA...

Acordo quase meio – dia e sinto vontade de vomitar e quando olho para o lado da cama eu vejo Marina quase como uma santa viciada.

Ela anda tão magra e pálida que às vezes parece uma morta em meus braços e fico me perguntando como existem homens que pagam para deitar com uma santa sem fé.

Fico me perguntando como sou capaz de esperar sua volta quase todas as noites. Don Carlos chega pela tarde arrastando uma bolsa velha e perguntando se tem algo para beber, ele sempre bebe antes de se aplicar, e Marina pega bebida para ele e enquanto ele está bebendo eu termino de comer e troco de roupa e saímos todos para a casa de um amigo dele que mora em um dos piores bairros da cidade.

Enquanto vamos andando fico pensando nesse velho companheiro que parece nos guiar confiantemente para mais próximo do corredor que nos leva diretamente ao inferno.

Quando ele nos leva para comprar mais drogas eu fico olhando para ele e fico me lembrando estranhamente de uma frase que eu li na época de estudante: “Deixai-vos, que entraís, toda a esperança!”

Don Carlos era um cara muito culto e parece que chegou á ser médico um dia. Tinha uma vida muito boa como um burguês sempre teve enterrado nas tetas da comodidade social, um leitão agarrado a grande porca do estado empurrando os outros leitõezinhos famintos por corrupção, luxuria e merda.

Ele era respeitado por todos como homem de bem. Tinha mulher, amante, e filhos com ambas mais um dia ele chegou em casa e viu que sua filha mais nova tinha enfiado a cara dentro do forno e cometido suicídio e seu mundo caiu. Sua mulher o condenou por bloquear a vida afetiva da filha, seus amigos íntimos se afastaram, a religião que sempre conforta os homens condenou sua filha caçula e a afastou da luz de Cristo. Afastou uma pequena criança da luz de Cristo.

Depois disso ele caiu no vício de remédios e nunca mais se recuperou acabando sendo abandonado por toda a família e amigos.

Perdeu tudo menos a aposentadoria por alguns anos de serviços. Eu o achava um sábio metade do tempo e um saco de lixo vivo, assim como eu e Marina e eles e todos e o fim mais mesmo assim eu o respeitava demais e sempre dizia sim para suas esquisitices.

Chegamos à casa de seu amigo e logo começamos a nos sentirmos livres e doentes e alegres e entramos em uma viagem de morte eu nos braços da Marina que olhava para mim como ela sempre olha quando está doidona e ela começou a dizer que somos parte de algo que não pode se sentir.

Parte de um tremendo pedaço do universo de Deus que precisa de dor muita dor e muito medo e dor. Principalmente dor. E ela fala como se fosse adepta de uma filosofia budista que fala sobre a relação da dor e do humano isso me deixa estupefato.

Como Marina pode saber alguma coisa sobre filosofia oriental se quando conversamos sobre esses assuntos ela me diz que sou um idiota metido e drogado e vadio e que eu deveria me casar com uma puta burguesa e vomitar minhas opiniões para a sociedade como fazem esses imbecis em rodas sociais parasitas e falsas.

-Idiota.

É isso que ela fala de mim e de todos os meus conceitos cristão - social e de meu amor por ela e ela diz que não passo de um sonhador. Não posso ser dela por que ela é melhor do que eu. Muito melhor.

Ela e Don Carlos. Mesmo doido como eles estão eu sei que eles são melhores do que eu e do que qualquer um por que eles são reais demais para se ver.

Marina fica com raiva de mim e saí e vai embora e eu fico olhando para ela saindo da casa como se ela estivesse saindo da minha vida para sempre e fico tão triste que chego a chorar e D. Carlos começa a rir e ri tão alto que parece mais um demônio zombeteiro dentro de minha alma e olho para ele e digo um palavrão tão feio que ele fica em silencio e começa a se anestesiar com seu amigo e vejo perto dele um anjo e também vejo um anjo ao lado do seu amigo, na verdade um traficante ao qual compramos essas coisas e olho para Marina e ela já está na rua andando cada vez mais veloz e um anjo vestido de ouro caminha ao lado dela e todos nós podemos ser perdoados se soubermos pedir perdão.

Eu sei que existe algo para se fazer mais nunca vejo anjos perto de mim. NUNCA.

Começo a vomitar em minha roupa e Don Carlos me olha com extrema piedade e me sinto o mais frágil dos seres criados por Deus todo poderoso e eles me levantam e começam a me empurrar e acabo saindo da casa e fico deitado na rua por quase duas horas e as pessoas passam retornando do trabalho para suas casas e para suas famílias e para suas vidas enquanto eu fico deitado no chão como um sentimento poético.

Acordo afinal de meu sonho de poesia e me arrasto como um ser que se arrasta todos os dias em nossa miséria e volto para o quarto de Marina jurando prometer tudo o que ela quiser mais que ela abrisse a porta e me amasse e me torna-se limpo. LIMPO. LIMPO.

Ela não está em casa, acho que foi buscar algo ao qual eu fecho os olhos, e então eu forço a porta e entro e vou me deitar. Onde nos sonhos somos mais felizes para eu viver nesses sonhos eternamente? Acho que posso representar uma criança afastada de Jesus Celestial. Acho que posso representar uma criança afastada da luz de Deus.

Parte II. – Rimbaud.

Acordei e Marina não tinha ainda chegado e fiquei assistindo televisão durante quase toda a noite e cansado de ficar vazio dentro de uma tela fui escrever um pouco e discursar comigo mesmo em relação à poesia.

Escrevi alguns poemas sobre Marina onde ela era uma santa que fora raptada por um feiticeiro maligno e levada para um lugar de sombras, sangue e morte e eu a resgatava. Eu a resgatava e éramos felizes. Muito felizes. Acho que é assim que penso sobre como somos.

Ah! Como gosto de ser tão sem sentido. “Ó divino Esposo, meu senhor, não recusai a confissão da mais triste de vossas servidoras. Estou perdida. Estou bêbada. Sou impura que vida!” Sei realmente que o que for verdadeiro está ausente.

Aprendi isso com Rimbaud quando fui passar uma noite no inferno. Não preciso de algo santo e raro; preciso de magias secretas dentro de minha alma. “Décidément, nous sommes hors du monde.” - Lucas!?

-...

-pensei que estivesse com Carlos.

-não... agora.

Ela está acompanhada e vou dar um passeio pelo bairro e pensar um pouco em como somos absurdos em pequenas coisas.

Ando por todo o quarteirão e cansado me sento no banco da praça e fico esperando os anjos que cavalgam os ventos baterem no meu rosto para eu poder sentir a brisa do luar que desperta os sentidos.

Durmo um pouco e sonho que pertenço a algum lugar quente e seguro. Um local que às vezes criamos em nossa infância.

O amanhecer chega e retorno para casa e no meio do caminho encontro um antigo colega meu e ficamos conversando por um tempo e ele me fala que está tudo bem e tudo bem e tudo legal mesmo e tudo bem e que está tudo bem e que sente falta da época em que estudávamos e que aquele professor que adorávamos morreu ano passado e que está tudo bem e limpo. Tudo bem e limpo.

Ele sai fingindo não perceber minhas roupas sujas e meus olhos e vai para o trabalho e fico olhando para ele e olho tanto que parece que vou entrar em sua alma e me lembro de como éramos próximos e radiantes e nada. Nada. NADA.

Eu fico me perguntando como ele pode estar bem se sua mulher agora está doente e mal. Pálida como a morte.

-Marina?

E ela abre a porta e está tão sorridente por me ver e me abraça e me beija e seus cabelos negros estão mais sedosos do que nunca e ela me arrasta para a cama e fico completamente entregue ao seu amor.

Acho que pertencemos a algo impossível de escapar. Marina e eu. Pertencemos a algo indescritível e gigantesco. Pegamos algumas coisas nossas e vamos para ver o mar como em uma viagem de luz e som.

-Ver o mar Marina. Ver o mar.

Sentamo-nos na areia e olhamos tão profundamente para o mar que sinto dentro de mim um sentimento raro de felicidade verdadeira. Ficamos lá nas praias da felicidade esperando por algo precioso e bom. O sol.

Esperando pelo sol essa é forma que deveríamos viver. Eu e Marina. Esperando pelo sol como na canção: "Waiting for the sun".

Cito uma tradução da música falando como se fosse minhas palavras e Marina olha para mim daquela maneira especial e limpa que ela sabe olhar e pede para eu repetir a frase e eu repito e ela sorrir novamente e diz lindo Lucas. Lindo demais.

-Escrevi ontem a noite. Escrevi ontem a noite.

Lindo. Lindo ela diz. Lindo demais.

Não me sinto mal por mentir para ela e á fazer acreditar que sou tão especial que posso escrever canções de libertação para nós dois.

Na verdade eu adoro a sentir sorrir por algo meu.

Assim eu roubo sua alma por alguns breves momentos.

Eu sou um ladrão realmente de sentimentos que não possuo.

Devo afinal parar de olhar para algo morto.

*

Retornamos para casa e dormimos em paz. Uma paz roubada pela mentira.

Acordo durante a noite e enquanto ela dorme e eu me pergunto pelas recompensas eternas prometidas para aqueles que amam; mesmo para aqueles que amam como nós amamos...

Parte III. – Luz e êxtase.

Don Carlos me levou para visitar um parque municipal e eu e ele andamos um bocado a pé e conversamos bastante e ele falava comigo e com milhares de pessoas que encontrava nas ruas e com milhares de pessoas dentro de si mesmo e eu olhava para ele profundamente como se fosse uma espécie de Manuel Bandeira e eu o achava sábio demais para viver entre pessoas como eu e Marina.

Será que Don Carlos não passa de um profeta enjeitado pelos céus que vivem cercados de conservadores?

Acho que Don Carlos é um vanguardista. Mais ele diz que não. Ele acha que estamos piores do que poderíamos estar e acredito nele.

Eu estou bem pior do que poderia estar mais agora eu estou mais dentro de mim mesmo do que posso confessar.

Depois de um bom tempo ele me obriga a sentar e fica preparando algo para que possamos comer e enquanto ele faz isso nós conversamos sobre tudo que ele adora. Ele fala e fala e fala por tanto tempo e com tanto sentido. Um sentido louco e triste mais eu sei entender algo triste. Sei entender algo triste.

-Leon Tolstoi Luca! Leon Tolstoi!

É isso que ele quer ser um morto dentro de si mesmo. Às vezes quando penso nele eu me lembro de borboletas sendo perfuradas pelo amor bondoso de Deus. Depois que comemos, ele prepara um pouco de chá com uma panela velha que ele carrega na bolsa e com um pouco de água que pegou do riacho e conversa sobre todas as teorias imaginárias da poesia e da filosofia eu sinto que ele não passa de um cínico; um puta de um cínico que detesta viver dentro de um imenso mundo de derrotados como a humanidade.

-Don,...

-Don,...!

-É o que procuro garoto. Uma cosmogonia própria.
Isso na verdade é o que todos procuramos.

-Acho que eu procuro apenas um lugar menos triste
do que meu coração...

*

A tarde parece consumir nossas forças
delicadamente enquanto encontramos o lugar de
repouso, a morada secreta, o santuário sagrado, de
Don Carlos.

Apenas uma muralha em ruínas cercadas por
árvores e inscrições tão antigas de pessoas que um
dia marcaram sua presença mínima naquele lugar e
no mundo

-Está vendo esse resto de forte Lucas? Era parte de um grande forte holandês. Os caras invadiram o Brasil e construíram várias destes. Eu venho aqui sempre e fico olhando para o passado morto.

Olho para o forte em ruínas e vejo minha alma. Dentro de mim; um plano grandioso. Mais a verdade é que não passei de um nada arruinado pelos meus sonhos.

Sinto saudade de Marina, de sua boca cheia de amor e carinho e palavras maldosas e palavrões e peço para D. Carlos para retornarmos.

Estou cansado de olhar algo que não quero. Estou cansado de mergulhar em um coração tão pouco a oferecer como o meu.

*

Bato a porta e Marina olha para mim como se fosse impossível não me amar e entro em sua alma. Pelos menos hoje, entro em sua alma.

Parte IV. – Amor.

Olho profundamente para os olhos de Marina, como olhamos tristemente para o mar. Eu a amo demais. Eu sei que eu a amo demais para perdê-la. Ela está doente.

Ela não me disse mais eu sei que ela está muito doente. Eu sei que ela vai morrer. Por que ela não se cuida? Eu acho que ela quer que eu saiba que ela vai morrer e que eu não vou poder fazer nada. Eu sou um indefeso nas mãos de Deus todo poderoso.

Eu não posso fazer nada além de amá-la demais e esperar que ela me ame também.

-não importa... não importa Lucas.

Eu digo que nunca irei abandoná-la mais ela sabe que esse grandioso juramento de amor eterno por todo e todo o tempo infinito não passa de uma mentira desesperada. Ela dá de ombros e me lembra tanto o quanto estamos sem sentido que chego a acreditar que realmente ela é especial.

Ela não precisa descobrir o mundo da poesia para dominá-lo. Eu não posso fazer nada além de amá-la demais.

-Vamos dormir Marina. Vamos dormir como se a eternidade fosse uma oferta para nossas almas.

-Não existe eternidade para aqueles que se amam. Não existe tal coisa. O amor é apenas o que queremos que seja.

Ela parece saber o que esperar de mim e eu não sei nunca o que esperar dela a não ser um momento de felicidade. Eu sinto que roubo dela enquanto espero...

*

Marina passou a tarde toda com febre e eu fiquei ao seu lado na cama lendo para ela mais acredito que estava lendo apenas para mim mesmo. Lendo o amante das moças.

Lendo Casimiro de Abreu tentando ser ele e ser especial em algo.

-O amor é nada mais do que ser especial em algo para alguém.

É isso que me fala Marina e eu olho para os olhos dela e fico me perguntando por que nada pode ser eterno e bom.

*

Faço uma visita para minha família depois de quase dois anos e entro em minha casa. A casa que amei tanto um dia e olho para eles e fico de joelhos e fico de joelhos e choro silenciosamente e eles me olham como se eu fosse um pequeno pedaço de passado e depois de quase um sonho eterno de constrangimento eu saio e estou com dinheiro o bastante para cuidar de mim e de Marina por algum tempo.

*

-Voltou Lucas? Pensei que nunca mais...

-Voltei.

E eu olho para ela e olho com tanto amor que ela quase chega a se sentir mal, pois sei que meu amor é como fogo em seu corpo e eu sei que ela é apenas uma criança. Minha criança.

Minha louca criança da noite. Minha feiticeira indígena cheia de tristeza.

-O luar chega, Ela adormece.

Parte V. – Noite e Delírios.

Don Carlos veio nos visitar com um amigo e Marina se pintou toda e pareceu horrível e quanto mais ela sorria mais me parecia com algum quadro de Toulouse-Lautrec.

-Música! Música Lucas!

Marina começa a dançar e dança de forma tão bela que nem parece que a pouco ela estava tão mal.

Dançamos e dançamos quase como se fôssemos duas estrelas... não, dançamos quase como se fôssemos milhares de estrelas cintilantes percorrendo todo o cosmo sujando o universo com nossas almas tão poucos de acordo com Deus e o mundo dos homens.

-Música! Música Lucas!

Ela continua dançando como se dentro de si existisse uma ninfa das águas, ou uma fada das florestas e seus olhos castanhos começam a incendiar como demônios esvoaçantes de um poema de William Blake e acabo entrando em sua alma e fico deitado no sofá, com os braços na mão de D. Carlos.

-Quer se divertir Lucas?

-Sim.

Adormeço e acordo centenas de vezes durante a noite e começo a sorrir como se fosse um idiota e Marina me beija na boca como um vulcão e depois sai sorrindo e vai para o quarto com o amigo de Don Carlos e eu fico sonhando com um amor verdadeiro em um lugar verdadeiro e onde não precisamos ser mais do que simplesmente puros e bons.

-Lucas?

Marina está deitada em meus braços e começo a sorrir e não há mais ninguém em nossa casa e ficamos deitados por quase todo o dia como se fôssemos gigantes andando sobre homens.

*

Será que tanto eu quanto Marina somos aquelas crianças esquecidas por Deus condenadas a vagar pelo palácio do paraíso sem direito a recompensas?

Ela olha para a rua pela janela e começa a sorrir e sorrir quase como se fosse um veneno e depois começa a passar mal e acaba vomitando e eu a deixo em meus braços até que a dor vá embora.

Eu fecho os olhos e tento e tento até que a dor vá embora.

-Luz e êxtase! Marina.

Parte VI. – Kerouac.

“Do mar para as ruas corre a vaga névoa como o bafo de um boi enterrado no frio, e longas línguas de água se acumulam cobrindo o mês que a nossas vidas prometeu ser celeste.”.

Lembrei desse poema aqui, sentado, esperando Marina que acabou de entrar para ser examinada. Assim como neste poema também sinto minha vida celeste e limpa ser perfurada maculada cobrindo todos os meus sonhos. Ler Pablo Neruda é morrer cem vezes do mesmo amor.

Em meio à solidão eu percebo o quanto às pessoas sofrem jogadas em redes de hospitais como se fossem pessoas onde já existem milhares de outras e sadias por enquanto.

Dor. Ao final de todas a nossa viagem maravilhosa e radiante para um lugar doce e cosmológico chamado morte percebo que realmente só tentamos escapar de nossa dor.

Devoro meus intestinos e ofereço essa ofensa para um ser transfigurante.

Um conceito transformado pelos milenares budistas que assombram nossas almas a milênios.

Marina está a quase duas horas esperando na sala para ser atendida e seus olhos parecem tão amenos como o de pombas brancas.

Pombas brancas! Pombas brancas sobrevoando a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Minha Madona Santa.

Fico de joelhos e começo a orar para Nossa Senhora que proteja uma de suas filhas caídas. Marina é um anjo negro caído e triste.

Ela é uma criança e eu também. Duas crianças tristes dentro do mundo.

*

Ela precisou tomar soro e vai ficar em observação durante todo o dia e eu fico sentado em uma cadeira enquanto as pessoas passam velozmente e fecho os olhos e sinto que seus olhos olham para mim e para Marina, tão triste vestida de trapos, e dizem em conversas silenciosas; em pensamentos silenciosos, que somos apenas dois miseráveis viciados.

*

Todos os caminhos sem encontrar a mim mesmo...

Adormeço e começo a sonhar e sonho de forma tão limpa que chego a sorrir. Eu sei.

Eu sonho que estou em um mundo pronto para pessoas como Marina. Uma santa perdida dentro de uma geração beat. Uma santa que se perdeu dentro de si mesmo e encontrou um caos interior.

-Lucas...

Parte VII. – Le Bateau Ivre.

Marina não sai de casa a quase duas semanas e fica o tempo todo deitada olhando para algo que não sou capaz de ver e fico pensando se ela está ao lado de algum anjo incrivelmente belo e limpo que nunca poderei ser e que está em paz. Paz celestial.

Um dia eu disse que iria amar Marina até não suportar mais.

Eu a amo ainda mais do que se fôssemos felizes; eu quero dizer isso a ela.

Eu quero dizer a ela milhares de coisas que nunca dizemos quando deveríamos por que temos medo mais eu olho para os olhos dela e eu sei que agora que ela está triste não parece ser o momento certo para que eu me revele tanto que caia no ridículo.

-Quer beber um pouco Marina de chá?

Marina bela como o mar e suas ondas esmeraldas onde eu navego em seus olhos como um barco bêbado e louco procurando monstros, fadas, anjos e aventureiros para torná-la mais minha do que pode ser.

Ela sabe de tudo sobre o que sinto por ela mesmo quando a odeio. Não preciso dizer nada.

Não posso dizer mais nada do que o que às vezes digo. Eu quero ficar apenas com ela por um tempo bem maior do que nossas vidas.

Eu quero conversar com ela sobre poesia e sobre tristeza como se fôssemos dois barcos embriagados navegando os mares esmeraldas.

Fico pensando como Marina pode ser tão sozinha como eu. Ela está doente há quase duas semanas sem sair de casa e ninguém vem ver ela além de Don Carlos que aproveita para roubar nossa comida e dizer que ela parece melhor.

Eu sei que Marina tem uma irmã que mora na cidade e outra que mora no interior e que cuida de sua pequena filha, uma menina chamada Maria, nascida de uma menina sozinha dentro de um mundo maldoso e nojento.

Eu moro com ela a quase três anos e nunca nenhuma delas veio vê-la.

Ela me diz que foi expulsa de casa e que caiu na mão de um velho que ensinou tudo para ela e que nunca mais voltou por que seu maldito pai tem vergonha dela. Vergonha de um anjo.

Como podemos ter vergonha de um anjo negro que chora ao som do vento?

*

-Maria...

Ela fica repetindo esse nome como se fosse uma chance para ela se salvar e eu fico tão triste por ver Marina morrendo em minha frente sem eu poder fazer nada.

Eu olho para ela e a vejo tão especial para sofrer tanto e fico me perguntando se algum dia existiu uma pessoa tão só e tão triste?

Deus, será que o louvor dos pecadores chegam aos ouvidos sagrados? Marina fala que tudo bem morrer mais eu fico perguntando para mim por que somos nada mais do que um sopro. Eu não quero que ela morra.

Eu não quero que ela morra por que eu a amo demais e mesmo assim ela está morrendo e fica repetindo o nome de sua filha o tempo todo como se assim ela pudesse ser perdoada por seus erros.

-Nossa Senhora nos salvará Lucas. Ela pode salvar qualquer um mesmo nós que somos como somos.

-Eu sei Marina. Eu sei que ela irá nos proteger.

-Não Lucas. Ela irá nos salvar de toda a tristeza que existe dentro de nós.

*

Proteger-nos de toda a tristeza como deve ser. Eu gostaria de prometer para Marina que acredito que todos nós seremos perdoados mais estou tão triste e alto que fico em silencio e deixo ela se deitar em meus braços e adormecer com meu amor.

*

Eu sei que Marina vai morrer. Eu não posso fazer nada. Por mais que eu a ame eu não posso curá-la.

Eu a amo tanto e mesmo assim choro e a deixo triste. Ela diz para eu parar de pensar em sentimentos ruins. Sentimentos ruins, ela diz.

-Todos nós iremos morrer Lucas...

-Eu sei Marina.

-Não sabe não. Se soubesse não chorava e me deixava mais angustiada.

Ela fala isso como se fosse um anjo. Ela fala isso como se vestisse as roupas de Nossa Senhora e tivesse abençoando um coração triste como o meu.

Ela me faz ler o poeta Cruz e Souza e eu leio quase em lágrimas de sangue ela sorri fragilmente como deve estar sua alma e eu continuo lendo e lendo e lendo como se fôssemos o vento chorando

“Flores negras do tédio e flores vagas de amores vãos, tantálicos, doentios... Fundas vermelhidões de velhas chagas em sangue, abertas, escorrendo em rios...”.

Marina sorri como uma criança doente e me diz que uma das melhores coisas que eu dei a ela foi escutar Cruz e Souza.

Ela diz que gosta de me ouvir ler Cruz e Souza e ela começa a sorrir e adormece com um sorriso como uma criança doente embalada pela mãe amorosa.

Parte VIII. –Santa Madona.

Marina fica o tempo todo deitada e orando como se fosse com isso capaz de encontrar uma paz interior e eu respeito isso dela e fico também orando baixo para minha nossa senhora que a cure e a faça viver por muitos e muitos anos em minha vida e que ela possa reencontrar sua filha pequena e que eu ela e sua filha possamos sair da cidade e ir para bem longe de nossos nomes e criar uma outra vida nova e limpa.

-Vamos mudar Marina. Seja forte.

-...

Ela olha para mim de forma profundamente triste e fragmento meu coração.

Eu a faço prometer que iremos ser felizes mais o que é isso? Marina precisa ficar sozinha e saio. Vou andar um pouco e ver se encontro alguma explicação que me conforme.

Eu preciso de algum sonho cristão. Quando retorno Marina parece mais calma e fica em um grande silencio e me pergunta por Don Carlos e eu digo que faz tempo que não o vejo e ela diz tudo bem. “Tudo bem!”.

Deito-me tão próximo dela que pareço entrar em seu coração e ela está tão quente que me sinto protegido e adormeço.

-Lucas?

-...

-Lucas me prometa que quando eu morrer você irá cuidar de minha filha?

-Cuidar de sua filha Marina?

-Sim.

-Como eu posso cuidar dela?

-Você pode fazer tudo dar certo. Você pode fazer a volta Lucas. Você não é como eu. Nunca foi.

-Marina...

-Me prometa. Por mim. Pelo amor que sempre me dedicou.

Ela olha bem dentro dos meus olhos e sorri de forma suave como uma flor. Pois ela sabe que eu irei cuidar de sua filha como se fosse minha e como se o amor que eu dedicarei a sua filha será como se fosse a ela mesma. Mais será afinal um amor limpo e puro como nunca pudemos ter.

*

Marina passou a tarde toda acendendo vela e rezando e tossindo e eu fico deitado no sofá e fico olhando para ela em sua oração para a santa madona que protege os frágeis e inseguros e eu a amo ainda mais.

Eu a amo tanto naquele momento que fico pensando em ir embora depois que ela se for mais eu não posso. Eu não posso deixar minha promessa morrer e eu fico olhando para Marina e eu sinto que ela parece ainda mais bonita do que sempre mais eu sei que não está.

Ela está bem mais magra e pálida e seu cabelo parece tão fraco. Ele fica nos lugares onde ela passa como se quisesse deixar um pouco dela nos cantos onde ela foi feliz e viveu.

-Lucas...

E ela olha para mim e está tão feliz por eu estar ao seu lado que parece que nunca esteve doente.

Ela parece que é aquela menina que sempre foi para meus olhos. Isso. Apenas uma menina. Uma menina que eu amei e amo.

*

Virgem Santa salvai-nos! Isso era o que eu queria dizer. Eu queria que o amor de Deus fosse o suficiente para proteger alguém que amamos.

Eu olho para Marina e ela mal pode falar de tão fraca. Ela fica o tempo todo balbuciando o nome de sua filha Maria e me fazendo jurar que eu cuidarei dela.

-Você a salvará Lucas e ela salvará você também. Ela vai te dar um amor tão puro como nunca pude dar. Ela vai te dar o amor verdadeiro sem uma maçã envenenada.

O amor verdadeiro. Entregar o amor verdadeiro e puro para uma pessoa. Acho que apenas um anjo pode oferecer um amor assim.

*

A noite Marina se levanta e começa a rezar e eu me levanto e rezo ao lado dela e sinto minha alma transfigurar e começo a orar silenciosamente e a pedir para que Deus cure Marina e que eu e ela possamos ser felizes como nunca fomos e ela começa a sorrir por escutar meus segredos e começa a sorrir e está tão bonita, realmente bonita e ela diz baixinho que me ama e que me ama muito e eu fecho os olhos e sinto invadir dentro de mim uma felicidade tão grande e fecho os olhos e começo a sorrir como sorrimos quando estamos felizes mais não desesperados olho para Marina e ela está deitada de olhos fechados e começo a chorar.

Eu choro no corpo de Marina e aperto seus braços e começo a falar descontroladamente mais depois fico calado por que sei que ela não iria querer algo assim de mim.

Sinto minha alma rasgar e não posso fazer nada além de continuar em frente por ela e por sua filha que ela pediu que eu adotasse.

*

Virgem santa rogai por nós que recorremos a vós!
Virgem santa rogai por nós que recorremos a vós!

Salmo XXXI: In te, Domine, speravi.

Parte IX. – Stella Matutina.

Eu olho pela janela e fico admirando o sol maravilhoso como sempre fazia quando Marina estava ao meu lado e passo quase toda à tarde dessa maneira.

Deus agora percebo como o sol é importante para se admirar quando seus raios banham todo o mundo que existe em minha visão. Eu fico assim esperando Maria chegar da venda onde mandei para comprar pão.

Marina parece chegar quando a pequena Maria se aproxima da casa e eu fico tão feliz como sempre por ver o quanto ela está parecida com a mãe.

Ela chega e me chama de pai e me dá um beijo no rosto como se fosse um anjo e como Marina disse que seria a quase dois anos atrás.

-Comprou pequena?

-Sim papai.

Papai. Papai ela diz.

Eu fico pensando o quanto Marina gostaria de estar ao nosso lado e todas as manhãs ir levar sua filha comigo para a escola municipal onde eu também ensino e depois ir dar uma passada na feira para comprar verdura, carne, peixes e frutas para quando chegássemos pudéssemos comer e conversar e depois ver Maria ir brincar a tardezinha com alguns amiguinhos e conversar com alguns vizinhos como conversam sempre de almas abertas e espírito livre as pessoas que vivem no interior.

-Papai...

Nunca mais vi Don Carlos nem ninguém da família de Marina e acho que talvez seja melhor. Sei que assim Maria terá uma chance.

*

Maria está dormindo no quarto dela protegida por nossa senhora que escolhi como sua madrinha e sei que a protegera sempre e começo a ler um livro e olho para a luz da vela acesa em frente à imagem da virgem santa e vou até a janela da sala e abro a janela para ver a noite e vejo apenas uma grande escuridão e penso se não seria isso o que quis dizer Don Carlos sobre encontrar uma cosmogonia própria e começo a sorrir.

*

Pareço escutar a voz suave de Marina dizendo meu nome e começo a sorrir e assim adormeço mais um dia.

Fim.